

QUALIDADE DA PRODUÇÃO E AGREGAÇÃO DE VALOR EM SISTEMAS AGROFLORESTAIS

Amilton João Baggio¹
baggio@cnpf.embrapa.br

1. Introdução

A evolução da consciência coletiva acelerou-se com a globalização do conhecimento, em todos os níveis da atividade humana. Desta forma, tanto o modo de tratar o meio ambiente como os meios de produção de alimentos são questionados por fronteiras cada vez mais próximas assim como por aquelas distantes. Recusas de alimentos contaminados, por países importadores, e litígios entre propriedades lindeiras, por prejuízos ambientais, são exemplos corriqueiros. Os problemas ambientais, sejam locais ou globais, aliados à valorização da qualidade de vida, começam a mudar atitudes no meio rural, estimuladas também por fatores econômicos.

O avanço da agricultura orgânica é evidente em todo o planeta, porém mais enfático nos países europeus (15 – 20% ao ano) e norte americanos (10 – 20% ao ano). Em termos de número de propriedades cabe destacar a Itália (56.440 propriedades com 1,23 milhões de ha), a Alemanha (14.703 propriedades, com 632 mil ha) e o Brasil, que apresenta 803 mil ha distribuídos por cerca de 14.000 propriedades (LERNOUD, 2004). Nesta evolução, o Paraná ocupa espaço expressivo pois em cinco anos (1996 a 2003), o número de propriedades convertidas saltou de 450 para 3.908, aumentando em 12 vezes a produção (de 4265 para 52.270 ton/ano) (HAMERSCHMIDT e LUNARDON, 2004).

Apesar de sua comprovada viabilidade econômica, esta forma de agricultura, praticada e nomeada de diferentes maneiras (orgânica, biológica, biodinâmica), por si só não atende ao espectro das atuais necessidades da sociedade (ambientais, sociais, políticas, legislativas, territoriais, etc.) e exigências do mercado (oferta a preço acessível). Desta forma, e mais modernamente, evoluiu a linha da agroecologia, que inclui fundamentalmente a participação dos produtores familiares, naqueles fatores que ultrapassam as porteiças da propriedade, estimulando assim a formação de pólos de produção uníssonos.

Nesse sentido, a valorização dos produtos oriundos de propriedades ou pólos agroecológicos, tende a superar inclusive os orgânicos baseados somente em insumos, devido ao fato de nem sempre atenderem aos apelos ambientais e sociais, quando inseridos apenas como agronegócio. A própria certificação diferenciada, atualmente sendo discutida no meio rural, possivelmente pode separar formalmente esses dois estilos de produção, num futuro próximo.

Na produção agroecológica, as práticas agroflorestais ocupam espaço nobre e indispensável, tanto no preenchimento de lacunas ambientais (aumento da biodiversidade, produção e qualidade da água, amparo à fauna, reciclagem de nutrientes, produção de matéria orgânica) como sociais (oferta de empregos, melhoria da saúde) e econômicas (diversificação na oferta de produtos, valorização da paisagem e da produção).

Este trabalho têm por objetivo abordar um panorama geral sobre a inserção dos SAFs no paradigma da agroecologia, comparando com sistemas convencionais (agroquímicos e orgânicos).

¹ Engº Florestal, Dr., Pesquisador da Embrapa Florestas.
endereço eletrônico: baggio@cnpf.embrapa.br

2. Qualidade da produção em SAFs.

Os assuntos referentes à qualidade da produção em SAFs podem ser analisados sob diversos prismas. No caso dos alimentos (quer sejam de origem vegetal ou animal), medicinais e especiarias há um pleno reconhecimento das vantagens da produção orgânica (comparada com a agroquímica), principalmente em termos de valor nutritivo, riscos à saúde e cuidados ambientais. Nesse sentido, cabe ressaltar que o aspecto visual dos produtos têm pouca relação com a qualidade aqui referida, embora seja também importante pela valorização de mercado.

A questão da segurança alimentar; discutida normalmente em termos de abastecimento da população, é mais relevante quando focada na diversificação da produção e ausência de agrotóxicos, pelo menos para produtores e consumidores, pela diminuição do risco de doenças degenerativas.

Por outro lado, a propriedade rural diversificada tende a preencher as necessidades nutricionais e sanitárias da família e do meio produtivo, resultando em maior resistência a doenças, e inclusive meios próprios para combater muitas delas.

Outro fator que implica na qualidade, para o caso de produtos processados, é a metodologia empregada. Como exemplo, a desidratação de frutas e verduras mantém melhor qualidade nutricional do que cozimentos em geral.

Quanto ao componente florestal, cuidados de implantação e manejo vão condicionar a qualidade dos produtos, segundo o objetivo pretendido para os mesmos. Assim, é recomendável utilizar o melhor material genético disponível, para a espécie selecionada (estacas, sementes, mudas), plantar segundo a necessidade das plantas, implantar no arranjo espacial ótimo para o sistema pretendido e cuidados com a manutenção e manejo (podas / desbastes).

No caso de espécies para produção de madeira visando usos nobres (mobiliário, artesanato, construções, laminados, etc.), a aparência, a forma e a trabalhabilidade são fundamentais. Se o objetivo da associação é produção de biomassa para condicionamento do solo, lenha ou outros produtos, implantação e manejo de espécies adequadas são igualmente importantes porém aparência e forma podem ser irrelevantes. O componente florestal também pode ser tratado em forma orgânica, em todas as fases do seu ciclo, adicionando um “delta” de qualidade, pelo menos ambiental, sem influenciar negativamente no sítio e adjacências.

A produção orgânica, realizada em propriedades que seguem o paradigma da agroecologia, acrescentam ainda as qualidades “socialmente justa” e “ambientalmente correta”, com benefícios óbvios para produtores e sociedade. Segundo a linha seguida pelo Research Institute of Organic Agriculture, da união europeia, esta produção não pode ser centrada em “preços” mas sim em sustentabilidade e empregos (FiBL, 2002).

3. Agregação de valor em sistemas agroflorestais

No Brasil, em forma geral, as questões relativas à agregação de valor são pouco desenvolvidas, no meio rural, tanto na produção convencional como na orgânica, tornando o país um dos mais deficitários nesse sentido. Com a produção orgânica, apesar da existência de um mercado que movimentava cerca de US\$200 milhões ao ano, apenas uma pequena parte é processada (principalmente do café e da soja). Assim, nossa rentabilidade média é muito pequena (US\$249,00 / ha), quando comparada com os EUA (US\$12.630,00 / ha) ou Alemanha (US\$4.745,00 / ha). Face à tendência do mercado mundial de orgânicos, que têm uma previsão de negócios estimada em cerca de US\$100 bilhões, até 2006, nossos números são bastante modestos (LERNOUD, 2004).

A agregação de valor pode ser conceituada em forma pontual (produtos) ou mais ampla, envolvendo outras partes da cadeia produtiva, a comunidade, a propriedade, o sistema familiar e os sistemas de produção.

Na propriedade rural ela pode iniciar pelo próprio imóvel, na conservação dos seus recursos e melhoria da paisagem. Por outro lado, o sistema familiar é valorizado na medida em que adquire conhecimento, ressaltando-se, neste caso, a educação ambiental e a saúde nutricional. Como resultante, os sistemas de produção também tendem a adquirir valor, principalmente quando são introduzidas práticas agroecológicas. Neste cenário, a produção que sai ao mercado, já com preços diferenciados, pode ainda receber alguma forma de processamento, seja mínimo ou complexo, dentro ou fora da propriedade.

A propriedade ainda poderá exigir investimentos, pois deverá estar com suas áreas de preservação permanente e reserva legal devidamente conservadas ou recompostas, e livres de usos inadequados (animais nas reservas, nascentes e riachos, p. ex.). Além disso, práticas permaculturais ou agroflorestais são indispensáveis, para ratificar sistemas de produção biodiversos e ambientalmente aceitáveis. Em uma propriedade agroecológica, a certificação da produção tende a agregar maiores valores (selo diferenciado), comparando com as produções convencionais, ou simplesmente orgânica.

Outra forma de agregar valor à propriedade é a ocupação de espaços improdutivos ou pouco produtivos. Espécies rústicas, como muitos pinos e eucaliptos, podem ser plantadas em terrenos mais pobres, divisórias ou beiras de estradas. Leguminosas lenhosas para produção perene de biomassa nitrogenada é outra possibilidade. Cercas de palanques podem ser transformadas em cercas vivas, e assim por diante.

Porteira afora, a união de esforços dos proprietários, principalmente em se tratando de nichos produtivos de condições semelhantes (microbacia, p. ex.), pode levar à uma certificação com denominação de origem sustentável, garantindo mercado e agregando valor à comunidade.

Quanto aos sistemas de produção, sempre que haja algum benefício resultante de mudanças, ocorre agregação de valor. Na transformação de monocultivos em SAFs podem ser citados inúmeros exemplos. A arborização de pastagens implementa a população de “besouros-vira-bosta”, que além de destruir larvas de insetos maléficos aos animais (como a mosca-do-chifre), reduz a permanência do esterco na pastagem, ganhando área produtiva e favorecendo a reciclagem de nutrientes. Ademais, as árvores abrigam pássaros que se alimentam também de insetos hematófagos. Sabe-se ainda que sistemas bem implantados, aumentam a natalidade animal, lactação e ganho de peso, devido à melhoria do conforto térmico e bem-estar animal. Na arborização de cultivos, normalmente há ganhos de rentabilidade devidos à amenização de fatores climáticos, aumento da fertilidade do solo e produção diversificada com ocupação do espaço aéreo.

Com relação aos produtos, os aspectos referidos no item 2 (incremento de qualidade) refletem naturalmente em agregação de valor, em uma ou mais fases da cadeia produtiva. Os produtos biológicos, como vêm sendo tratados a nível de mercado global, requerem, em última instância, uma linha de conduta uníssona, desde a produção de sementes e mudas até o tipo de embalagem final.

O processamento dos produtos alimentícios, condimentos e medicinais, normalmente feito por métodos caseiros tradicionais (embutidos, fermentados, destilados, etc.), muitas vezes podem ser otimizados de formas diversas. Uma delas, com inúmeros exemplos de sucesso no meio rural, é a união de produtores na formação de agroindústrias de porte compatível com as produções, criando marcas e meios de comercialização próprios, e, principalmente, canais de venda direta aos consumidores. Quanto à produção florestal, também há possibilidades de processamento local, como é o caso da madeira serrada, que pode sofrer pelo menos um desdobro em bruto, com o uso de serrarias móveis, que podem ser adquiridas por associações entre produtores.

A redução de custos é outro importante fator para a competitividade do produto rural processado, iniciando pela utilização de equipamentos baratos e materiais disponíveis, como secadores solares

e microssinas (eletricidade, álcool, biodiesel, biogás). Em muitos casos, a utilização de sucatas e resíduos orgânicos preenchem estas necessidades.

Com relação aos insumos agrícolas, sua mera substituição (químicos por orgânicos) pode ser mais econômica que possíveis perdas na produção. Experimentos monitorados durante 21 anos deram maior credibilidade à eficiência da agricultura biológica, quando foi comprovada uma redução de 34 a 53% nos custos de fertilização e combustíveis fósseis, e de 97% na proteção das plantas. Neste período, considerando que foram testados diversos tipos de cultivos, a produção média caiu em apenas 20%, comparando com os tratamentos convencionais (Maeder et al., 2002). O aumento contínuo dos insumos industriais possivelmente segue ampliando estas diferenças pois somente da safra 2003 para 2004 o preço dos adubos subiu em média 40% (GLOBO RURAL, 2004). Cabe lembrar que os adubos orgânicos têm como base resíduos agropecuários, agroindustriais e urbanos, além de biomassa verde.

4. Considerações finais.

O primeiro passo para agregar valor à produção agroflorestal que será comercializada, é a mudança de atitude do produtor, convertendo a sua propriedade em agroecológica, o que vai além da mera mudança de insumos. Este esforço exige capacitação contínua, que será mais eficaz em ações comunitárias (associações, cooperativas, ONGs, instituições públicas interessadas e com conhecimento de causa).

Um outro aspecto importante é a atuação das instituições que apoiam uma agricultura saudável (governamentais, ONGs ou do terceiro setor), no sentido de pressionar os governos (em todas instâncias, principalmente municipais) para estimular o consumo das produções orgânicas. Como exemplo, o governo federal instituiu recentemente o programa de compra direta do produtor, para os hortifrutigranjeiros, visando o abastecimento de instituições públicas, como a merenda escolar. Este programa, erroneamente não privilegia a produção orgânica, apesar de suas vantagens.

Outra faceta da agregação de valor qualitativo refere-se à saúde pública. Alimentos saudáveis são aqueles que provêm de plantas e animais sadios (não apenas livres de doenças mas também de agrotóxicos acumulados). Um incremento na produção e consumo de alimentos orgânicos naturalmente levará à redução de gastos do ministério da saúde, no atendimento de intoxicações e doenças degenerativas causadas pelo acúmulo de venenos e remédios.

5. Referências bibliográficas.

CUSTOS DE PRODUÇÃO DA SOJA. **Globo rural**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 27/08/2004. Programa de televisão.

FIBL – RESEARCH INSTITUTE OF ORGANIC AGRICULTURE. **Activity Report**. Berlin: FiBL, 2002. 73p.

HAMERSCHMIDT, I; LUNARDON, M.T. **Evolução da Agricultura Orgânica no Paraná**. Curitiba: SEAB/DERAL-EMATER/PR, 2004. 3p.

LERNOUD, A. P. **Joint ventures creating added value. Markets, production and social results in Latin America**. In: Biofach, 2004, Nürnberg. Trabalho apresentado. 10p.

MAEDER, P.; FLIESSBACH, A.; DUBOIS, D.; GUNST, L.; FRIED, P. NIGGLI, U. Soil fertility and biodiversity in organic farming. **Science**, Washington, n.296, p.1694-1697, 2002.